

CARTOGRAFIA URBANA EM DEVIR TERCEIRA PAISAGEM

ISABELLA KHAUAM MARICATTO¹; EDUARDO ROCHA²; LISANDRA
FACHINELLO KREBS³

¹Universidade Federal de Pelotas – isa.maricatto@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lisandra.krebs@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho, desenvolvido na linha de pesquisa Urbanismo Contemporâneo, discorre sobre a apreensão das paisagens urbanas contemporâneas por meio de uma abordagem cartográfica. O conceito da terceira paisagem - *tiers paysage* -, criado por Clément em seu Manifesto (2014), oportuniza e potencializa a discussão sobre os territórios abandonados na cidade contemporânea ao analisar a ação biológica como suporte de ação e pensamento do presente. A terceira paisagem apresenta uma dimensão ecológica e ecossistêmica e abrange a dimensão política, examinando o sistema coerente que se forma na relação entre o ser humano e o ambiente. Essa especificidade da paisagem considera os espaços residuais, nos quais as espécies vegetais brotam espontaneamente, como reservas biológicas do futuro. O diferencial da terceira paisagem é o olhar voltado para a sucessão ecológica, uma sequência de alterações graduais e progressivas que modificam a composição do terreno até que aconteça o surgimento de uma comunidade estável. A noção de sucessão ecológica na contemporaneidade aparece de modo aleatório e acontece muitas vezes de maneira descontínua, ou não-linear. Necessita de condições para acontecer, por esse motivo é contingente e histórica. A investigação tem como objetivo criar instrumentos teóricos que auxiliem na apreensão da paisagem urbana contemporânea ao analisar nos territórios emergentes a ação biológica como suporte de ação e pensamento do presente. Tais instrumentos são tecidos com base na proposição teórica revisional e no registro da prática de caminhografia urbana. A revisão de literatura estabelece um plano comum fundamentado entre as noções de paisagem (CARERI, 2013), abandono (ROCHA, 2010) e multiterritorialidade (HAESBAERT, 2020). A experiência da caminhografia urbana acontece no antigo leito do Arroio Santa Bárbara, localizado em Pelotas-RS, curso d'água cujas águas foram canalizadas, aterradas e desviadas do percurso original.

2. METODOLOGIA

A cartografia urbana é o método adotado para a pesquisa e aparece como crítica ao urbanismo moderno da década de 1970 propondo uma abordagem experimental de análises dos acontecimentos que compõem realidades distintas, tendo como referência as linhas de pensamento baseadas na filosofia da diferença e no pós-estruturalismo, composto por personagens como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Jacques Derrida e Michel de Certeau. Além das análises situacionistas propostas por Guy Debord e os Situacionistas, podemos citar a existência dos processos realizados e desenvolvidos por artistas visuais, envolvidos no giro etnográfico das artes (Hal Foster), Gordon Matta-Clark,

Vito Acconci, Krzysztof Wodiczko, Rakowitz, entre outros fazem parte desse movimento (ROCHA, 2008).

Dentre os procedimentos metodológicos realizados durante a investigação estão: o caderno de bordo; a revisão teórica de conceitos e do método escolhido; a caminhografia urbana¹ realizada entre 2020 e 2021² no antigo leito do Arroio Santa Bárbara, com o registro de imagens e mapas criados pelos próprios percursos caminhados; a revisão histórica para a análise das transformações das paisagens do Arroio Santa Bárbara em consonância com as experiências realizadas pela cartógrafa. Os mapas históricos (Figura 1) mostram o curso d'água original, na década de 1950, e o seu desvio e aterramento ao longo dos anos, até 2020.

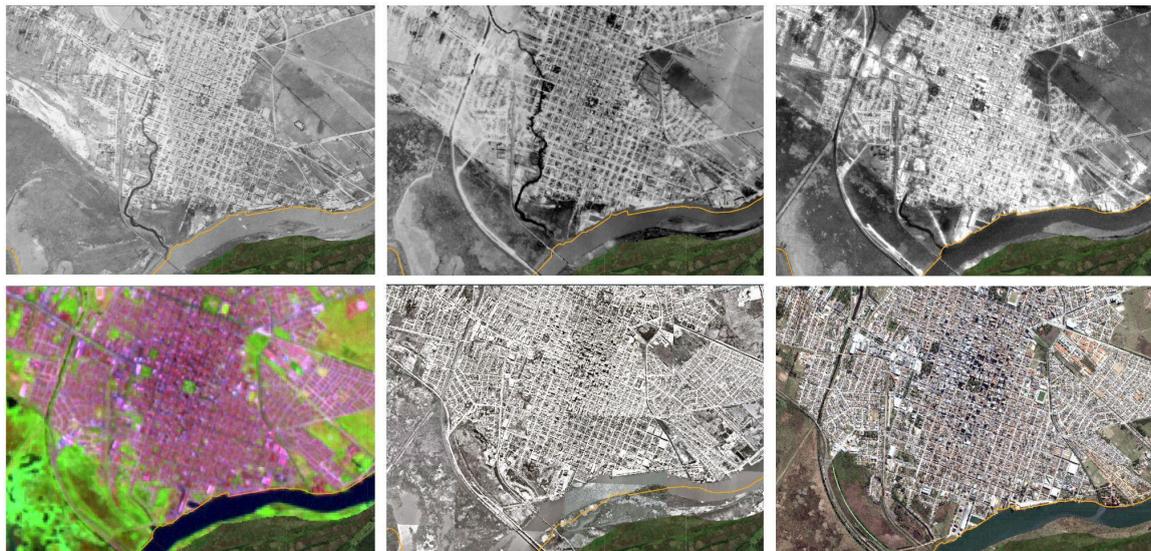


Figura 1: Aerolevantamento de 1953, 1965, 1975, 1988, 1995, e 2020 respectivamente. Fonte: Imagens Aéreas - Série Histórica, GeoPelotas³, modificada pela autora em 2022.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises, nesse momento final da pesquisa, se imbricam no registro do experimento, mesclando relatos, narrativas, fotografias e percursos embasados na prática de caminhografia urbana. Dentre os vestígios encontrados durante as caminhadas, a ponte de pedra⁴(Figura 2), hoje utilizada como pontilhão, se apresenta como a conexão de outra temporalidade das duas margens opostas do Santa Bárbara. Ao longo do antigo leito, os miolos de quadra, diferem o que é propriedade privada do que não é, com seus limites e suas fronteiras escorregadias sugerem a presença de um devir⁵ terceira paisagem. Os

¹ A caminhografia urbana é um tipo de cartografia urbana que prevê o acompanhamento dos processos de captura de formas e forças presentes no campo durante o ato de caminhar, articula o “cartografar” e o “caminhar”. Nesse resumo, foi considerada como um modo de fazer, um procedimento do âmbito prático da pesquisa mas as suas possibilidades não se restringem a esse movimento. Está sendo desenvolvida pelo grupo de pesquisa Cidade+Contemporaneidade, do Laboratório de Urbanismo da UFPel, mais informações em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>.

² É importante ressaltar e deixar registrada em nota o contexto pandêmico da COVID-19 que persistiu durante esses anos.

³ In: <<https://geopelotas-pmpel.hub.arcgis.com/>>

⁴ A histórica ponte foi a única que sobreviveu, tombada pelo IPHAE é datada de 1867, com 20 metros de comprimento por 17,80 de largura e 5m de altura. A ponte de pedra foi reformada em 1914 e era um grande marco de separação entre a cidade de Pelotas e o comércio com a colônia

⁵ No texto, o conceito de devir não está atrelado à perspectiva de evolução mas a uma “zona de experiência de potência múltipla”, de acordo com Eduardo Rocha, em 2010.

remanescentes vegetais podem ser encontrados no abandono de antigas fábricas construídas no século XX, que, aproveitando o posicionamento estratégico nas margens do Arroio Santa Bárbara, utilizavam suas águas para os processos de produção. Dentre elas podemos citar a antiga Fábrica de Papel, experienciada durante a prática caminhográfica, um curtume, fechado por conta da poluição dos solos, e a cervejaria Brahma, demolida para a construção do prédio da Receita Federal em Pelotas localizada em frente à antiga ponte de pedra.

Durante o percurso, o terreno vago localizado entre a Rua Três de Maio e Rua Gomes Carneiro na Rua Barão de Santa Tecla(Figura 3), abrigava em 2019 uma ocupação e uma vegetação densa, com arbustos e arvoredos. Atualmente, a porta fechada, as cercas-elétricas e as concertinas se sobressaem e transbordam um abandono hostil. Sem a vegetação densa e sem seus moradores, a paisagem emergente rompe com a sucessão ecológica suscitada por um devir terceira paisagem e sugere um abandono como ideia de movimento. Os miolos de quadra são “reservas biológicas” em que as plantas espontâneas brotam e são acolhidas, ora em estacionamentos que funcionam sobre o antigo leito, ora em lotes não construídos, ora nas ruínas da antiga Fábrica de Papel(Figura 4).



Figura 2 e 3: Ponte de Pedra em frente ao POP Center de Pelotas-RS e o terreno vago localizado entre a Rua Três de Maio e Rua Gomes Carneiro na Rua Barão de Santa Tecla. Fonte: Autora, 2022.

No canteiro central alongado, na Rua General Osório, passando a Rua João Manoel, variadas espécies de plantas, ornamentais e medicinais, beiram os lotes escondidos. O chão não é mais asfaltado, assim como a Rua Gomes Carneiro e a Rua Barão de Santa Tecla, aqui a terra arenosa marca a sua presença. Na paisagem, ao fundo, as Bombas de Drenagem Pluvial Olvebra, ligadas 24h por dia, funcionam há aproximadamente dois anos, evitam e previnem o alagamento da Avenida Duque de Caxias, via de prolongamento da Rua Marechal Floriano Peixoto, onde é localizada a ponte de pedra. A cartógrafa, como moradora de Pelotas na época, experienciou a sensação de estar ilhada justamente nessa área em uma das últimas enchentes que aconteceram no ano de 2019.



Figura 4 e 5: Antiga Fábrica de Papel e o Braço Morto do Canal Santa Bárbara. Fonte: Autora, 2022.

A discussão traz em si a necessidade de reconhecimento de territórios em devir terceira paisagem atrelados à memória do curso d'água Santa Bárbara que foi aterrado da paisagem urbana. Para tanto, a apreensão dessas territorialidades como potencialidades se dá pela experiência do corpo na cidade, ou seja, pela prática de caminhografia urbana.

4. CONCLUSÕES

A caminhografia urbana aparece como rastro para a apreensão das paisagens emergentes na cidade contemporânea. A terceira paisagem, de caráter territorial, marca coexistências de temporalidades distintas. Reconhece-se na experiência urbana do devir terceira paisagem uma espessura existencial enquanto processo de transformação do corpo e da cidade, no qual ambos se sustentam indissociavelmente e se manifestam nos múltiplos aspectos políticos, sociais e culturais da paisagem urbana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: caminhar como prática estética. I. ed. São Paulo: Editora G. Gili. 2013.

CLÉMENT, Gilles. **Manifiesto del Tercer paisaje**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 84. 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e das artes**. Tese de doutorado. Porto Alegre: PROPARG/UFGRS. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24722>. 2010.

ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas. **Revista Projectare**, Pelotas, n. 2, p. 162-172, 2008.